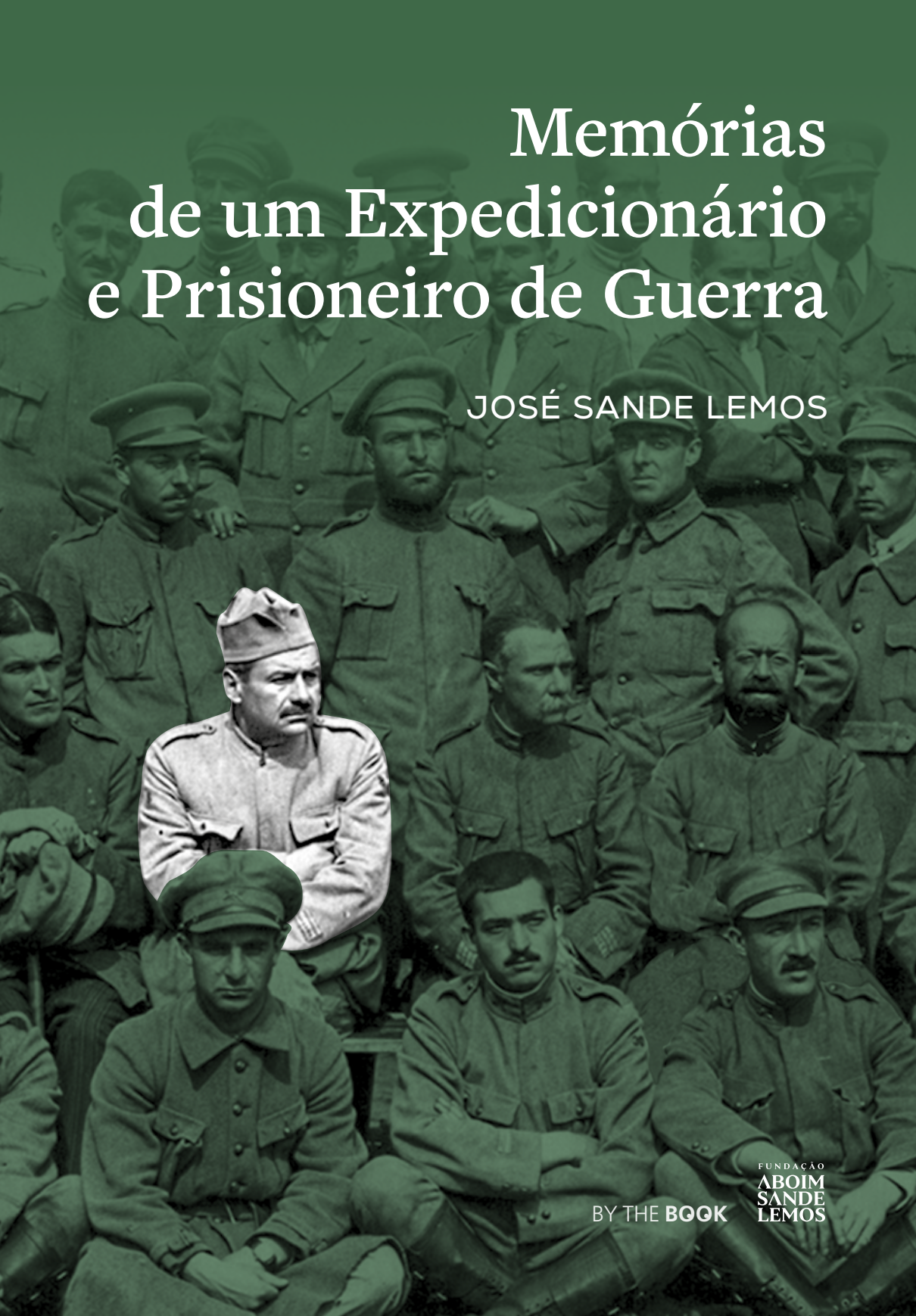




Memórias de um Expedicionário e Prisioneiro de Guerra

JOSÉ SANDE LEMOS

BY THE BOOK

FUNDACÃO
ABOIM
SANDE
LEMON



José Sande Lemos

Memórias de um Expedicionário e Prisioneiro de Guerra

JOSÉ SANDE LEMOS

BY THE
BOOK

FUNDAÇÃO
**ABOIM
SANDE
LEMOs**

© Edição	By the Book, Edições Especiais
Título	Memórias de um Expedicionário e Prisioneiro de Guerra
© Autoria	José Sande Lemos
Transcrição	Rute Rodrigues
Edição de texto	Maria de Sande e Lemos Cunha e Sá
Revisão	José Pizarro de Sande e Lemos
Organização e coordenação	Fundação Aboim Sande Lemos
Impressão	Europress
ISBN	978-989-36422-9-0
Depósito Legal	563216/26

Os textos são escritos e editados
ao abrigo do antigo acordo ortográfico.

Siglas
N. do A. – Nota do Autor
N. do E. – Nota do Editor de texto
N. do T. – Nota do Transcritor

**BY THE
BOOK**
 Edições Especiais, lda
 Rua das Pedreiras, 16-4º
 1400-271 Lisboa
 info@bythebook.pt
 www.bythebook.pt

**FUNDAÇÃO
ABOIM
SANDE
LEMONS**
 geral@fasl.org.pt
 www.fasl.org.pt

Nota biográfica	7
Prefácio	9
PARTE I	15
I. De Tavira a Lisboa	17
II. De Lisboa a Brest	22
III. Em Brest	29
IV. Por terras de França	39
V. Terça-feira, 9 de Abril de 1918	91
VI. Da Rue des Chavattes a Salomé-La Bassée	95
VII. De Salomé a Carvin	99
VIII. De Carvin a Lille	101
IX. Em Lille	103
X. De Lille para Rastatt	105
XI. Em Friedrichsfeste	106
XII. No Campo de Rastatt	109
PARTE II	115
Referências	286



José Sande Lemos, Maria da Piedade e os filhos Manuel e José, 1912

Nota biográfica

José Sande Lemos [1873-1943]

Nascido em Lagos, no Algarve, a 23 de setembro de 1873, José Sande Lemos cresceu entre Faro e Tavira, onde viveu com os pais, José Vitorino Sande Lemos e Maria Emília Doroteia Vanez, e três irmãos mais novos. Desde cedo seguiu os passos do pai e enveredou pela carreira militar, ingressando na Escola do Exército, em Lisboa. Em 1892, concluiu o curso de Infantaria e, a partir daí, iniciou uma longa e distinta carreira.

Cinco anos mais tarde, em 1897, casou em Faro com Maria da Piedade Aboim Ascensão (1866-1944), com quem teve dois filhos: Manuel (1899-2002) e José (1906-1982).

O seu percurso militar começou no Regimento de Caçadores n.º 1, onde iniciou funções como alferes. Ao longo dos anos seguintes, foi colocado em diversas unidades da infantaria e da Guarda Fiscal. Assumiu o comando da Secção de Faro em 1897, e três anos depois foi promovido a tenente. Em 1912, foi transferido para a recém-criada Guarda Nacional Republicana (GNR), onde viria a destacar-se como o primeiro comandante em Castelo Branco.

A Primeira Guerra Mundial marcou o seu percurso. Embarcou para França a 25 de junho de 1917 como comandante do 3.º Batalhão do Regimento de Infantaria n.º 4, integrado no Corpo Expedicionário Português. A 9 de abril de 1918, durante a Batalha de La Lys, foi feito prisioneiro pelas forças alemãs, passando meses nos campos de prisioneiros de Rastatt e Breesen, na Alemanha.

José Sande Lemos começou a escrever as memórias da sua participação no CEP ainda em Tavira, registando tudo o que o impressionava ao longo da viagem até França e durante o tempo na frente de batalha. Esse primeiro manuscrito, porém, foi destruído pelo fogo pouco antes da Batalha de La Lys. Já em cativeiro, retomou o registo em forma de diário e, mais tarde, reescreveu de memória a primeira parte do relato. É esta a versão das *Memórias de um Expedicionário e Prisioneiro de Guerra* que hoje conhecemos.

De regresso a Portugal, a 15 de janeiro de 1919, prosseguiu a carreira com distinção. Em 1922 foi promovido a coronel e, cinco anos depois, assumiu a presidência do Tribunal Militar no Campo de Santa Clara, em Lisboa. Ao longo da sua carreira foi distinguido com diversas condecorações: a Ordem de Cristo (1899), a Ordem de S. Bento de Avis (1908) e a Medalha Militar de Prata da classe Comportamento Exemplar (1905).

José Sande Lemos morreu em Lisboa, em 1943, com sessenta e nove anos.

Prefácio

Há cerca de cinco anos, ao desfazer o escritório do meu pai, encontrei dois pequenos livros manuscritos de cerca de cento e cinquenta páginas cada, cuja existência desconhecia, da autoria do meu bisavô José Sande Lemos. Tratava-se do relato da sua experiência como expedicionário e prisioneiro de guerra durante a Primeira Guerra Mundial.

José Sande Lemos tinha quarenta e três anos e vivia em Tavira com a mulher e os dois filhos quando, em 1917, o batalhão de infantaria de que era comandante foi mobilizado para integrar o Corpo Expedicionário Português, força militar que participou activamente ao lado dos Aliados na Grande Guerra. A primeira parte do relato descreve a partida de Tavira, a viagem em comboio e navio até França, as impressões diversas pelos locais onde passou, as dificuldades sentidas no cenário de guerra na Flandres, a frente de batalha nas trincheiras, a batalha de La Lys de 9 de Abril de 1918 e a sua captura pelos alemães.

A segunda parte destas memórias, em forma de diário, mostra o seu dia-a-dia como prisioneiro nos campos alemães de Rastatt e Breesen até à fuga para Portugal em Dezembro de 1918, já depois do fim da guerra.

Existem diversos relatos e diários de outros militares que combateram nesta guerra, alguns de grande interesse, muitos deles já publicados. A decisão de agora publicar estas memórias prende-se, não apenas à relevância de mais um testemunho e da sua contribuição para a informação já existente, mas principalmente à minúcia das descrições, que nos mostram um Portugal, uma França e uma Alemanha do início do século XX que em parte desconhecemos, e à qualidade da narrativa, por vezes empolgante, que nos transporta de forma muito viva para o cenário da Primeira Guerra Mundial.

Maria de Sande e Lemos Cunha e Sá

Estas «Memorias» têm sido o único refrigerio dos meus longos dias de prisioneiro e das horas ansiadas e dolorosas de viva saudade de minha muito querida e boa Mulher e dos meus queridos filhos.

Campo de prisioneiros de guerra em Breesen,
8 de Dezembro de 1918

*A minha muito querida e nunca esquecida Espôsa
D. Maria da Piedade Aboim Ascensão de Sande Lemos
em testemunho do muito amor e muita consideração que lhe dedico*

JOSÉ SANDE LEMOS
T.^E C.^{EL}

*Minha muito querida e sempre lembrada Maria
Na história da vida há anos tão cheios de factos, tão fartos de acontecimentos memoráveis e tão gravados de consequências que eles só por si valem séculos. Quando em França, escrevi eu dia a dia umas semelhantes «memorias», onde por ordem cronologica eu descrevia tudo quanto me impressionava. Egualmente elas te eram dedicadas. Foram destruidas pelo fogo pouco antes de ser feito prisioneiro na batalha do Lys em 9 d'Abril ultimo.
Era-me defezo escrever-te dizendo tudo quanto eu sentia, e assim, lembraste as minhas cartas não tinham aquêle cunho de curiosidade, eram monótonas, não tinham aquêle cunho descriptivo que sempre para quem lê ou escreve, distrai o espirito.
Se o contrario fizesse ali, e agora aqui, lá estava a «Censura» para me denunciar superiormente e sofrer as consequências e por isso eu escrevia essas «memorias». Por certo estas serão menos interessantes, por já não poder seguir cronologicamente os factos, conquanto a isso me esforço; serão muito simples e como aquélas serão sinceras, sem pretensões de literatura.
Não poderão ser interessantes pela minha má disposição de espirito e pela muita dificuldade, bem o sabes, que tenho em descrever ou expor. Tem elas unicamente em vista dedicar-te um modesto trabalho meu e servirem de testemunho de que sempre em ti pensei mesmo nas horas de muita dor e sofrimento.*

Campo de prisioneiros de guerra em Rastatt (Baden),
29 de Junho de 1918

Memórias dum Expedicionário. Fisionomia da Guerra

Livro 1.º

...Por todo o caminho que seguimos deparávamo-nos com um horroroso espectáculo de carnificina. Jaziam, de um e de outro lado, numa verdadeira igualdade como só há nestas condições, soldados nossos e soldados inimigos. Havia-os despedaçados, disformes, desfigurados, e a contracção das suas fisionomias mostrava-nos o horror do sofrimento com que se debateram ao morrer. Combateram como soldados, e dizia-nos o seu aspecto que, nos últimos momentos, em que uma réstia de lucidez lhes avivou memórias eternas e sentimentos que não se perdem, lutaram ainda desesperadamente para viver. Quantos deles, heróis obscuros, inimigos de há pouco, não tardariam a jazer na mesma vala como amigos, onde nem uma cruz nem qualquer outro distintivo os identificará de futuro ou sequer lembrará a sua memória.

JOSÉ SANDE LEMOS
Batalha de La Lys, 9 de Abril de 1918

PARTE I



I. De Tavira a Lisboa

Estávamos a 24 de Julho de 1917 ¹, uma terça-feira, depois dos preparativos de alguns meses para seguirmos com o 3.º Batalhão do 4.º Regimento de Infantaria², de que eu era major-comandante. Ultimava-se tudo em distribuições de subvenções de campanha, fardamento e material portátil. Marchávamos nesse dia para Lisboa e dali para um porto de França, que à boca pequena se dizia ser Brest ou Havre. Este batalhão iria constituir o 1.º Batalhão do 8.º Regimento de Infantaria do Corpo Expedicionário Português com destino a França, onde ia tomar parte, ao lado de Inglaterra, na grande guerra que ainda hoje se trava a favor, dizem, dos direitos e da liberdade dos pequenos povos contra o imperialismo alemão.

Faziam-se as despedidas aos parentes, pessoas amigas e conhecidos, trocavam-se cumprimentos e abraços mostrando sempre alegria e satisfação. Incutíamos nos nossos soldados o sentimento do cumprimento do dever, infundindo nos menos animados coragem e abnegação. É assim o dever de todo o superior, mormente de um comandante, que deve ter sempre um ascendente moral sobre os seus subordinados.

Eu não mencionarei aqui, ou onde quer que seja o direi, se foi de boa ou má diplomacia a nossa intervenção nesta grande guerra. Mas, a partir do momento em que se aprisionaram os barcos alemães fundeados nos nossos portos e após a declaração de guerra da Alemanha a Portugal e de o nosso Parlamento, bem ou mal, se haver manifestado a favor da ida para França de um Corpo Expedicionário, eu entendo que o dever militar era marchar. O nosso brio e honra profissional a isso obrigavam. E com franqueza o digo e ficaria de mal com a minha consciência e a mim mesmo chamaria covarde se tal não fizesse: com ou sem o pedido de intervenção por parte da nossa velha aliada, marchar seria sempre o nosso dever. Esta convicção dava-me um sentimento de fortaleza sem desfalecimentos, podendo desta forma incutir aos outros esse dever, por entender que a pátria assim o reclamava, conquanto sentisse na alma, sem que a ninguém tal manifestasse e fazendo-me confiante de mim mesmo, a muita mágoa por deixar a minha mulher e os meus filhos. Sem deixar transparecer essa tristeza, a todos tentava dar o exemplo, principalmente aos meus filhos, e em particular ao meu filho Manuel, que era então aspirante a oficial. A minha mulher, adivinhando-lhe eu o seu

1. [N. do A.] Fazia dois anos que meu pai tinha falecido. A ninguém fiz notar essa data e apenas agora aqui a menciono.

2. [N. do E.] A infantaria, no Exército Português, estava organizada em regimentos, cada um dos quais com três batalhões. Cada batalhão, por sua vez, era constituído por quatro companhias. Cada companhia tinha um número variável de efectivos, entre sessenta e duzentos e cinquenta. O 3.º Batalhão do 4.º Regimento de Infantaria, sob comando de José Sande Lemos, era constituído pelas companhias 9.^a, 10.^a, 11.^a e 12.^a.

íntimo, sentia amargura e sofria, mas, procurando sempre disfarçar a sua enorme dor, encorajava-me ao cumprimento desse imperioso dever.

Foi com esta animada disposição de espírito e com o moral levantado que marchei para França. Não me ofereci para tal, foi o Destino que assim o determinou³.

Tavira apresentava nesse dia um movimento fora do normal, justificado pelo facto de muitos pais, mães, esposas, noivas e amigos dos que partiam ali terem afluído para lhes dizerem adeus, talvez o último adeus. Nas ruas passavam ranchos de civis em confraternização com os militares, formando como que um mesclado onde sobressaíam as raparigas com os seus trajes campinos e domingueiros. No meio de tanta tristeza havia também alegria e nas proximidades do quartel notavam-se as tabernas cheias e viam-se grupos que se banquetevam à sombra dos prédios, com os farnéis trazidos para esse fim.

Fazia um sol abrasador de Verão, um sol como só há no nosso lindo Portugal. A casar com tanta tristeza, desde manhã cedo que os sinos de todas as igrejas da cidade tocavam a rebate, num barulho ensurdecedor, numa desarmonia de variadíssimos tons, em protesto motivado pelo facto de os padeiros terem aumentado nesse dia o preço do pão, que já anteriormente estava muito caro. Infeliz ideia tiveram esses padeiros em tal fazerem, principalmente nesse mesmo dia!

No geral os militares comportaram-se bem. Houve apenas conhecimento de um excesso por parte de um soldado, talvez com certa razão da sua parte, na taberna do cabo reformado V., ao lado do quartel, pelo facto de este cabo, segundo o seu costume, querer agiotar. Nem os que partiam quis poupar à sua agiotagem!

O batalhão ia marchar em comboio especial. Estava dada ordem para a 11.^a e 12.^a companhias seguirem às 17 horas e a 9.^a e 10.^a companhias, às 19 horas, juntamente com o Estado-Maior do batalhão. Em Tavira ficavam apenas o alferes Calazans com o pessoal de conduta e algumas praças⁴ doentes no hospital, que só mais tarde foram para França. O alferes só ali se apresentou oito meses depois.

De manhã, seriam 11 horas, notou-se a falta do tenente J. G., da 10.^a Companhia, que, segundo se dizia e mais tarde se confirmou, tinha desertado para Espanha.

Com a antecedência devida, fizeram-se os respectivos toques para as duas primeiras companhias. Feitas as chamadas, foram distribuídos alguns artigos aos retardatários. Entravam na parada do quartel pessoas de família e curiosos, e, depois de algumas palavras de incitamento ao cumprimento do dever por mim proferidas, puseram-se aquelas duas companhias em marcha para a estação.

3. [N. do A.] Havia alguns meses que me estava reservada a vaga em Infantaria 4. Entretanto foi dada ordem ao 3.º Batalhão para mobilizar. Conquanto o tenente-coronel Águas me perguntasse se eu, dada a mobilização, ainda queria ali ser colocado, entendi ser um dever de honra não desistir de tal colocação. Declarou ele que já assim esperava do meu carácter.

4. [N. do E.] As praças constituem a categoria inferior da hierarquia militar e incluem os recrutas, os soldados e os cabos.

No intervalo que mediou entre a partida dos dois grupos de companhias fui a casa jantar e despedir-me da minha mulher e do meu filho José. O outro meu filho, o Manuel, não estava, pois fazia parte da guarda de policiamento do largo da estação de caminho-de-ferro desde as 15 horas. Ia fazer um grande sacrifício: despedir-me da família!

Lembro-me bem de ter comido umas três colheres de sopa e muito pouco de outra iguaria. A vontade que tinha era a de desaparecer da frente daqueles dois seres que me eram tão queridos, esquivar-me àquela cena de despedida. Queria afastar-me e ao mesmo tempo queria estar junto deles. Travava-se em mim uma luta inexplicável.

O tempo corria velozmente eurgia seguir para o quartel e dali para a estação. Feitas as despedidas corajosamente, a minha mulher mais uma vez me mimou com palavras consoladoras. Eu admirava-lhe a sua fortaleza. Depois de pedir a bênção a Deus em frente de um quadro com a imagem de Nossa Senhora da Piedade que estava no meu quarto de dormir, e com mais um abraço, um beijo e uma palavra consoladora da minha mulher, abençoei o meu filho José e saí apressadamente para longe, conquanto o meu desejo fosse estar próximo, muito próximo deles! Foi a maior luta que alguma vez no meu ser se realizou! Descrevê-la é impossível, porque não tenho palavras para o fazer. Ainda hoje se me confrange o coração ao lembrar-me do que então senti. Realizava-se a luta entre o amor da família e o cumprimento de um dever profissional e imperioso que a pátria reclamava!

Parti e dirigi-me ao quartel para ali poder solucionar qualquer caso imprevisto que à última hora aparecesse. Às horas competentes fizeram-se os toques para a marcha do segundo grupo de companhias e, tal como na ocasião da partida do primeiro grupo, foram distribuídos alguns artigos aos retardatários. Faltaram à chamada alguns poucos soldados, que já não tinham comparecido no grupo antecedente. De novo, entraram na parada do quartel muitas famílias dos que partiam e alguns curiosos, que sempre os há e aparecem. Fiz novamente uma pequena alocução ao pessoal e em seguida o grupo pôs-se em marcha para a estação, tendo eu e o Estado-Maior do batalhão marchado separadamente do grupo de companhias.

As ruas e avenidas que do quartel conduziam à estação achavam-se apinhadas de gente e as janelas e varandas estavam repletas de pessoas. Na avenida custava a romper aquela massa, que era contida, à entrada do largo da estação, por uma força do grupo de batalhões sob o comando do capitão Silva. Durante o trajecto muitos adeuses e lágrimas vi, mesmo de pessoas que não tinham ninguém a partir. É porque, julgo, sentiam o sofrimento dos outros e pensavam que muitos dos que ali marchavam não regressariam.

Feito o embarque sem incidente algum e num silêncio que apenas era interrompido pelo choro e gritos aflitivos de alguma mãe, esposa ou noiva que via partir o ente querido e que não conseguia conter silenciosamente esse choro, como muitas outras que ali se encontravam, dei ordem para o povo poder entrar no largo da estação e na

gare, que imediatamente se encheram. Trocavam-se abraços e cumprimentos de despedida à mistura com ditos alegres e chistosos, faziam-se recomendações e pedidos de lembranças, e assim se passou o pouco tempo que faltava para a partida do comboio. Foi ali na gare da estação que abençoei e me despedi do meu filho Manuel.

À hora marcada foi dado o sinal da partida. A máquina apitou, sentiu-se o comboio pôr-se em marcha vagarosamente e toda aquela gente que ficou na estação, e que podíamos ver ao longo da linha e para além das agulhas, convulsionou-se em adeuses e acenos com os lenços, e a máquina majestosamente passou e marchou levando atrás de si carruagens com soldados que iam cumprir o seu dever longe da pátria.

Julgo que, além de pessoas de família e curiosos que na estação de caminho-de-ferro estiveram, também muitos outros ali foram apenas para prestar o seu preito e homenagem aos que partiam.

No Algarve, em todas as estações do percurso, viam-se muitas pessoas que ali acorriam das localidades próximas para saudar e se despedirem dos expedicionários. Em particular nas estações da Luz, Fuzeta, Olhão, Faro, Almancil e Loulé a aglomeração de gente e o movimento eram enormes. Durante o trajecto reinou sempre a mais franca animação entre os soldados, que, vendo-se livres de um grande martírio, a despedida, davam expansão à sua tristeza cantando, rindo e dirigindo frases chistosas uns aos outros, quicá com vontade de chorar. O mesmo sucedia com a oficialidade. Em todas as estações onde parava o comboio lá estavam sempre pessoas de família a fazerem as suas despedidas aos parentes, trocando abraços e beijos misturados com muitas lágrimas. Alguns perguntavam aos expedicionários seus conhecidos por este ou aquele parente ou vizinho, recebendo geralmente como resposta que estava noutra carruagem ou que seguia noutra comboio. E em todas as estações de paragem, particularmente na de Tunes, a soldadesca apeava-se para fazer ainda umas quaisquer compras. A campainha tocava três vezes dando indicação de que o comboio ia partir, sinal que era precedido pelo toque de reunir executado pelo contramestre de corneteiros, mas a maioria das praças só entrava para as carruagens quando via o comboio pôr-se em marcha com andamento muito vagaroso. Esta saída lenta das estações tinha sido assim combinada entre mim e o delegado da direcção dos Caminhos de Ferro Portugueses, o subinspector Caeiro, para evitar a falta de alguém que pudesse dar motivo a atrasos. De Tunes em diante houve sossego completo, ou por já ser noite, ou por não haver pessoas de família ou amigos a despedirem-se. E, num sossego aparente, quantas recordações, quantas saudades não sentíamos, ao deixar para trás a família querida e ao seguir para o desconhecido.

Difícil foi conciliar o sono, e como eu, muitos oficiais e quicá soldados, porque todos temos família e ela ia sempre no nosso pensamento, avaliando nós as angústias em que teria ficado vendo-nos partir.

O comboio levava a marcha atrasada, conquanto tivesse saído de Tavira à hora determinada, talvez devido ao facto de a máquina ser alimentada a lenha e também porque o material circulante, como já se sabe, estava já gasto. Por esse motivo chegámos a Vendas Novas às 5 horas da manhã do dia 25, quando deveríamos ter chegado umas três horas antes. Ali, quando supúnhamos que os nossos camaradas que tinham partido no primeiro comboio já fossem bem distantes, eis que os vemos na estação, uns dentro, outros fora das carruagens. Tivemos nisso muita satisfação e, trocando impressões da viagem e depois de feita a apresentação ao comandante do regimento⁵, ali permanecemos algum tempo. Enquanto se organizava um comboio da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, aproveitaram os soldados mais uma vez a ocasião para fazerem compras no restaurante e na cantina aí existentes, dando gasto à subvenção de embarque de seis escudos que na véspera tinham recebido.

Seguimos depois viagem para Lisboa via Setil. Os soldados faziam uma algazarra infernal, alguns sentados nos estribos das carruagens e outros no tejadilho das mesmas. O não acatamento das instruções recebidas e das recomendações por mais de uma vez feitas valeu a dois deles terem caído à linha ao encalharem nuns fios telegráficos sobre uma ponte. Apareceram-nos mais tarde em França dizendo que sofreram apenas um susto e tendo assim cabimento o rifão «ao menino e ao borracho põe Deus a mão por baixo».

A viagem até Lisboa fez-se com bastante morosidade, com demoras inexplicáveis e talvez excessivas em algumas estações, aparecendo-nos por vezes no meio da gare o comandante do regimento, o coronel M. A., com modos aparvalhados e apavonados, revelando-se um imbecil, como adiante se verá, e dizendo-nos quando passava: «Não vêem aquelas praças fora das carruagens... parece que aqui não vão oficiais...» Dizia-se que não iríamos embarcar nesse dia, que se ficava em Lisboa porque, devido à nossa demora, os transportes já tinham levantado ferro. Enfim, mil e um boatos corriam e avolumavam-se ao passarmos na estação de Braço de Prata, onde estava pessoal do regimento que há tempos ali se encontrava em diligência. A minha preferência, por motivos de ordem e disciplina, era a de embarcar imediatamente e felizmente assim sucedeu. Ao chegar a Lisboa observava-se, desde Campolide até à estação de desembarque Alcântara-Mar, muita gente a ver passar o comboio dos expedicionários. Dali seguimos para o posto de desinfecção⁶, onde se efectuou o embarque, ou melhor, se efectuou a «baldeação»⁷ de todos nós para os dois navios que estavam acostados ao cais. Desembarcámos do comboio perto das 20 horas.

5. [N. do A.] O comandante e o Estado-Maior e Menor do regimento tinham marchado de Faro, embarcando no comboio em que seguia o primeiro grupo de companhias do batalhão.

6. [N. do E.] Posto Marítimo de Desinfecção do Porto de Lisboa, na Rocha do Conde de Óbidos, inaugurado em 1906 por D. Carlos I e pelo presidente do conselho e ministro do reino Hintze Ribeiro. Com a construção deste posto, os navios passaram a entrar directamente no Porto de Lisboa sem a obrigação de fundear ao largo para cumprir a quarentena.

7. [N. do E.] Baldeação – transferência de passageiros, cargas ou mercadorias de um transporte para outro.

II. De Lisboa a Brest

Chegando o comboio a Alcântara-Mar, imediatamente foi dada ordem para o desembarque. Encontrava-se presente algum povo que assistia a tudo com uma indiferença inacreditável e, com excepção da mulher do capitão Barros, não havia familiares de oficiais. Começou o pessoal a formar por companhias, com ordem e conforme se achava regulamentado. Pouco depois apareceu o capitão Santos Correia, do Estado-Maior, que eu conhecia de há muito. Cumprimentando-me, disse que no mês seguinte também iria para França (nunca lá chegou a ir), que «isto tinha que correr por todos». Disse ainda que não me apoquentasse com formaturas e que fosse mandando marchar os homens conforme quisessem para o cais e Posto de Desinfecção onde estavam os vapores, que o que era preciso era embarcar depressa porque eles queriam levantar ferro e que já o teriam feito se não fosse o atraso do comboio. Fez-se, pois, esse pequeno trajecto, em conjuntos de quatro, de dois, de cinco, em grupos maiores ou menores, uns com os equipamentos às costas, outros na mão, enfim, numa completa desorganização. Uns queriam comprar comida e tabaco, pois tinham recebido apenas uma lata de atum na véspera, em Tavira, outros paravam a conversar com civis, outros ainda adoeceram, talvez devido à sensação enorme que tudo aquilo lhes causava ou à fraqueza, e, por último, alguns havia ainda que se iam esquivando conforme podiam e ficando para trás. Tudo se ia fazendo muito atabalhoadamente, e enquanto eu e outros oficiais do batalhão estávamos nesta tarefa, passou o comandante do regimento com o Estado-Maior e Menor e disse: «Oh! Sande Lemos, vá arranando isso e despachando-se, que eu cá vou andando com o Estado-Maior e Menor, que é o que me pertence.» A meu ver, e na opinião de todos que tal ouviram, ele assim procedendo mostrava fraqueza, pois talvez receasse que os homens ali fizessem alguma manifestação desagradável, não se lembrando que, pelo facto de ir andando, nem por isso o batalhão deixava de pertencer ao seu regimento. Pobre criatura! Pobre pateta!

Assim iam os soldados conforme queriam, sendo a questão, pelo que notei, que embarcassem o mais depressa possível. Havia algum povo de um lado e de outro, até se chegar a uma cancela onde estavam postados de cada lado dois soldados da Guarda Nacional Republicana, um de infantaria e outro de cavalaria, que proibiam a passagem a qualquer militar ou civil para o interior de um recinto vedado por um tapume de madeira que fechava, por assim dizer, o cais de embarque. A pouca distância e próximo um do outro, achavam-se acostados dois vapores ingleses cujos nomes nunca vim a saber, pois somente os indicaram por Transporte A e Transporte C, este mais pequeno do que aquele.

Oficiais e soldados iam entrando para os vapores por uma grande abertura feita no costado à altura de um dos porões. No C apenas embarcou um pelotão da 10.^a Companhia sob o comando do alferes Jaime Augusto dos Santos Borges, estando ali já embarcados o batalhão de Infantaria 11 e outras pequenas unidades. No A embarcou o nosso restante pessoal.

Como disse, da cancela para diante não passava ninguém, fosse quem fosse, a não ser os que embarcavam. Vi dois oficiais do Exército, um deles o capitão S. da Guarda Fiscal, que queria despedir-se do capitão C. A. e a quem a GNR embargou a passagem. O objectivo era fazer a «baldeação» do comboio para os vapores o mais depressa possível e evitar o contacto com o povo, que parecia indiferente e como que acostumado a presenciar cenas idênticas.

Dirigia o embarque um capitão-de-mar-e-guerra, julgo que de nome Ivens, e próximo deste encontrava-se o comandante do vapor, homem baixo, de rotundo ventre, muito nutrido, vermelho como um pimentão, fumando um enorme cachimbo, mostrando-se impaciente.

À entrada da abertura feita no costado do vapor havia uma pequena prancha para o cais e nessa entrada estavam dois soldados de infantaria da Guarda Nacional Republicana que proibiam a saída dos militares. Quem entrava no vapor já não saía.

Quando cheguei em frente do navio A, eu que já estava mal impressionado pela maneira como a «baldeação» tinha sido feita, tive a primeira decepção. «Baldeação» era o termo, na verdadeira acepção da palavra, e não «embarque», pois o que ali se estava a fazer era atirar lá para dentro, não pessoas, mas uma mercadoria... Que grande decepção!

Era a primeira vez que eu ia embarcar para uma viagem pelo mar e fazia-a como expedicionário. Assisti, porém, muitas vezes, à partida de expedições para África e nunca vi fazer-se um embarque como este. Vi-os fazerem-se na mais franca liberdade e não empurrados e sob a vigilância da Guarda Nacional Republicana. Vi-os fazerem-se na maior alegria e confraternização entre militares e civis, e não como agora, em que se sequestrava o militar ao menor contacto com o civil. Vi-os fazerem-se no meio de vivas e de palmas, numa verdadeira festa, e não como este, que parecia um cortejo fúnebre. Vi-os fazerem-se com a comparência da família real (era no tempo da monarquia) e de membros do governo, e neste não vi ali nem o presidente da República, nem um só ministro. Enfim, em frente desse vapor A e enquanto o pessoal ia passando e entrando, lembrei-me com bastante mágoa de tudo o que aqui deixo dito, e percebi bem abertamente, que o Parlamento, como intérprete e representante do povo, tinha falseado a sua missão. O povo não queria a guerra! É necessário que nos convençamos de que para fazer a guerra é preciso senti-la, é preciso haver necessidade dela. Que decepção! E eu, assim fazendo todas estas comparações, senti uma qualquer coisa de indiferença.